**Guião da celebração**

****

**I. Ritos de Entrada**

**Monição inicial**

P. ***Todos juntos na Arca da Aliança.*** É a partir da Aliança entre Deus e o Seu Povo, que se compreende o Decálogo. É a partir desta Aliança, que se entendem as «Dez Palavras», que nos habituámos a designar por *10 Mandamentos*. O Decálogo é o Documento da Aliança, o compromisso fundamental entre Deus e o Seu Povo. Precisamente, na Arca estavam guardadas as duas tábuas de pedra, as Tábuas da Aliança ou Tábuas do Testemunho.

***Kyrie* | Ato penitencial**

P. Peçamos, ao Senhor, perdão pelos nossos pecados, pelas nossas infidelidades à Aliança.

P. Pelas vezes em que a nossa relação filial diante do Pai se transforma em relação de troca comercial, nós Vos pedimos perdão. R. *Kyrie, eleison.*

P. Pelas vezes em que a nossa relação fraterna com o próximo é contaminada pela cobiça do alheio, nós Vos pedimos perdão. R. *Christe, eleison.*

P. Pelas vezes em que o templo santo do nosso corpo é maltratado pela violência e explorado como objeto de posse e de prazer, nós Vos pedimos perdão. R. *Kyrie, eleison.*

**Oração coleta**

**II. Liturgia da Palavra**

Nota: **1.ª leitura – forma breve**

**Homilia no III Domingo da Quaresma B 2021**

***Todos juntos na Arca da Aliança.*** Dentro da Arca da Aliança, os judeus guardavam este tesouro precioso: o Decálogo, gravado em duas tábuas de pedra, com as Dez Palavras, que conhecemos por Dez Mandamentos. Da reflexão atenta sobre o Decálogo, podemos deduzir alguns princípios da pedagogia divina, para tomarmos consciência desse outro tesouro precioso, que é a Educação. Aprendamos de Deus a cuidar deste tesouro. Fixemo-nos em cinco pontos:

***1.º: Deus educa o seu Povo, amando-o*** *(Ex 20,2)****.***Deus nunca nos pede nada sem que primeiro nos dê tudo. Primeiro, está o que Deus fez por Israel, depois a resposta de gratidão do Povo à sua eleição. Aprendamos então da pedagogia divina isto mesmo: educar é um ato de amor. Para educar os filhos, os catequizandos, os alunos, é preciso conquistar a sua confiança com o carinho e o testemunho e não com o medo e a força. E isso implica, antes de tudo, amá-los. É a experiência do amor e não do temor que dá autoridade verdadeira ao educador.

***2.º: Deus educa o seu povo, corrigindo-o*** *(Dt 8,5)****.*** E corrige-o não só com a sua Palavra de sabedoria, mas com os acontecimentos da vida, que se transformam em verdadeiros “*ensinamentos*” (cf. Dt 8,2-3). E qual é o filho a quem o pai ou a mãe não corrige? (cf. Dt 8,5; Heb 12,6). Mas, para que uma correção seja acolhida por quem a recebe, como sinal de preocupação pelo seu maior bem, é muito importante que não seja aplicada em estado de ira, num clima emocional de descontrolo dos educadores. Senão, a correção é apenas disfarce de uma vingança, de uma afirmação de poder do mais forte sobre o mais fraco. Pelo contrário, quem é corrigido com amor sente-se tido em consideração, dá-se conta de que reconhecem as suas potencialidades e aceita a correção como um estímulo de crescimento.

***3.º: Deus educa dialogando e não «mandando»*** *(Ex 20,1; Ex 34,28; Dt 4,13; 10,4)***.** A Escritura fala em «dez palavras» e não em “*dez mandamentos*”. Por isso, aprendamos da pedagogia divina a percorrer com paciência, benevolência e compaixão este **diálogo educativo,** que integre a sensibilidade e a linguagem própria dos mais novos, até que estes compreendam a importância de certos valores, princípios e normas, em vez de lhos impormos como verdades indiscutíveis.

***4.º:******Deus educa o Seu Povo na liberdade e para a liberdade.***Primeiro, está o dom da libertação e só depois o dever e a obrigação. Primeiro, está a relação de amor com Deus e só depois o cumprimento da lei. Aqui, a lei destina-se a preservar a liberdade. **Então, devemos educar sempre na liberdade e para a liberdade.** As regras e a disciplina moral destinam-se apenas a colocar ‘*limites construtivos’*, sinais de orientação no caminho, e não ‘muros inibidores’. O controlo excessivo não educa para a liberdade. A educação envolve a tarefa de promover liberdades responsáveis que, nas encruzilhadas, saibam optar com sensatez e inteligência.

***5.º: Deus educa-nos como povo chamado a viver em aliança****.* Educa-nos através da transmissão da fé e da cultura em família, através da pregação dos profetas, através da tradição oral e do ensino dos sábios, através do vínculo entre mestres e discípulos (cf. Sir 24,30-34). Ora, hoje vivemos num contexto de emergência educativa, porque se abriu uma rutura entre família, sociedade e escola. Os “peritos” substituem os pais, a família não é reconhecida ou não se assume como primeiro e indispensável sujeito educador; os alunos deixam de ser ouvidos e tidos em conta, nos seus próprios processos educativos! Precisamos de um pacto educativo global para e com as novas gerações, que empenhe as famílias, as comunidades, as escolas e as universidades, as instituições, as religiões, os governantes, a humanidade inteira, na formação de pessoas maduras. Sem esta aliança educativa, não há base sólida para uma esperança realista na mudança que sonhamos para o nosso mundo. Também aqui, no campo educativo, temos de estar juntos. Para educar alguém é mesmo precisa uma «aldeia inteira», uma comunidade unida por um pacto educativo global! Façamo-lo, todos juntos, na arca da aliança!

**Credo**

**Oração dos Fiéis**

P. Senhor, Vós bem conheceis o que há no íntimo de cada pessoa, porque nos habitais. Não Vos pedimos milagres, nem a sabedoria deste mundo. Acolhei as preces do Vosso Povo, que Vos suplica com fé, dizendo:

R. ***Dai-nos, Senhor, o que mandais, e mandai o que quiserdes!***

1. Pela Santa Igreja, Templo de Cristo: para que, neste tempo de pandemia, o sinal das igrejas fechadas estimule cada cristão a tornar-se templo vivo, onde Deus estabelece a Sua morada. Invoquemos. R.
2. Pelos que governam: para que, diante da encruzilhada de pandemias, promovam adequadas políticas, que respeitem e cuidem da dignidade de cada pessoa, enquanto imagem viva e templo santo de Deus. Invoquemos. R.
3. Pelos que travam a luta contra a pandemia da covid-19: para que sejam rec0nhecidos na sua dedicação e acompanhados pela colaboração responsável de todos nós. Invoquemos. R.
4. Pelos pais e padrinhos, catequistas e demais educadores cristãos; pelos professores, mestres e doutores: para que saibam educar com amor, corrigir com ternura, propor com humildade e guiar pelo exemplo de vida. Invoquemos. R.
5. Para que as famílias, as comunidades, as escolas e as universidades, as instituições, as religiões, os governantes e a humanidade inteira, se empenhem numa verdadeira aliança educativa, para e com as novas gerações. Invoquemos. R.

P. Senhor, que, por meio do Vosso Filho, reedificais e levantais o que nós tantas vezes destruímos, ajudai-nos a cuidar com amor do tesouro da educação, para fazermos ressurgir desta pandemia um futuro de paz e de harmonia. Pelo mesmo J.C. Vosso Filho, que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

**III. Liturgia Eucarística**

**Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas**

**Prefácio Quaresma V | Santo | Oração Eucarística II**

**Comunhão | Cântico de Comunhão | Oração pós-comunhão**

**Oração de meditação a seguir à comunhão**

*Senhor, as tuas Dez Palavras de vida*

*mostram que és um Pai que nos educa com amor,*

*porque nos amas com um coração de mãe.*

*Tu queres caminhar connosco, acompanhar-nos e guiar-nos,*

*para vivermos todos juntos na arca da Aliança.*

*Na tua sabedoria, dizes-nos palavras de confiança,*

*que nos protegem do risco de uma nova escravidão*

*e nos orientam para a liberdade perfeita.*

*Senhor, faz dos pais e padrinhos, dos catequistas e professores,*

*educadores atentos, que nos guiem com doçura e firmeza*

*e connosco ponham em prática o mandamento novo do amor,*

*que o Teu Filho Jesus Cristo testemunhou*

*até ao dom extremo de Si mesmo.*

*Que todos juntos façamos uma aliança educativa,*

*que nos permita crescer todos juntos, na paz e na harmonia. Ámen.*

**Silêncio | Oração pós-comunhão**

**IV. Ritos Finais**

**Rito da Caminhada**

Monitor: Neste 3.º Domingo da Quaresma, o tesouro a descobrir é o da educação. [Pároco retira da arca o respetivo tesouro e mostra-o] Queremos acentuar a necessidade de reconstruir um verdadeiro pacto educativo global, de modo que o direito à educação comprometa a todos e seja respeitado em toda a parte.

Pároco: Em família, esta é uma ocasião oportuna para:

* Realizar a Liturgia Familiar proposta ou adaptada.
* Colocar no cantinho da oração algum objeto escolar, algum diploma, o calendário escolar…
* Recordar, homenagear e agradecer aos nossos educadores (pais, avós, educadores de infância, professores, catequistas, padrinhos, pároco e todos os que têm influência na formação humana e cristã).
* Enviar mensagem de agradecimento aos educadores (pais, avós, educadores de infância, professores, catequistas, padrinhos, pároco e todos os que têm influência na formação humana e cristã).

**Avisos:** *Lectio Divina* do Decálogo, via *zoom*, este domingo, às 18h30.

**Bênção**

**Despedida**



**Bênção da mesa | III Domingo da Quaresma | 7.3.2021**

Guia: Bendito sejas, Senhor nosso Deus, que libertaste o teu povo e o saciaste no deserto. Olha com bondade para os filhos reunidos em teu nome e dá-nos o pão de cada dia. Guia-nos pelas estradas do mundo com a luz dos teus mandamentos, até ao banquete do teu Reino. Por Cristo, nosso Senhor.

R. Ámen.

**OUTRAS HOMILIAS E TEXTOS**

**III DOMINGO DA QUARESMA B**

**Homilia no III Domingo da Quaresma B 2018**

***«O amor não é invejoso»***(*1 Cor* 3,4)!

1. É a última, mas não a menos importante das dez palavras de amor, que o Decálogo desdobra assim: «*Não desejarás a casa do teu próximo. Não desejarás a mulher do teu próximo, o seu servo, a sua serva, o seu boi, o seu burro, e tudo o que é do teu próximo*» (*Ex*20,17). Na verdade, «*o amor não é invejoso*» (*1 Cor* 13,4). “O *amor leva-nos a uma apreciação sincera de cada ser humano, reconhecendo o seu direito à felicidade*” (AL 96). Por isso, “*no amor, não há lugar para sentir desgosto pelo bem do outro. A inveja é uma tristeza pelo bem alheio, demonstrando que não nos interessa a felicidade dos outros, porque estamos concentrados exclusivamente no nosso bem-estar. Enquanto o amor nos faz sair de nós mesmos, a inveja leva a centrarmo-nos em nós próprios. O verdadeiro amor aprecia os sucessos alheios, não os sente como uma ameaça. Aceita que cada um tenha dons distintos e caminhos diferentes na vida; e, consequentemente, procura descobrir o seu próprio caminho para ser feliz, deixando que os outros encontrem o deles*” (AL 95).

2. Pelo contrário, o impulso do invejoso é eliminar ou estragar o que pensa ser a fonte dessa alegria. O outro deixa de ser um parceiro e torna-se um rival. Deixa de constituir a possibilidade criativa de um encontro e torna-se uma sombra. Estranho sentimento é a inveja! E, contudo, está tão infiltrado nas relações humanas e é tão abrasivo da vida interior, tão capaz de fazer em cacos ambientes familiares, de trabalho, de amizade. Um coração invejoso ou ciumento é um coração amargo, um coração que, em vez de sangue, parece conter vinagre; é um coração que nunca está feliz, é um coração que desmembra uma família e contamina uma comunidade. Da inveja nascem a calúnia, a maledicência, as rivalidades, as discórdias, o ódio e até o homicídio. E qualquer um de nós, em alguma ocasião, não está livre de se deixar apanhar pela inveja, esse vírus corrosivo, essa patologia do desejo, caracterizada pela falta de amor.

3. Mas então, o que devo fazer? O contrário da inveja é a gratidão, que constrói e reconstrói o mundo. Contra a inveja, aprendamos o reconhecimento e cultivemos a gratidão, começando por apreciar os dons e as qualidades dos outros. E, se a inveja persistir, devo dizer ao Senhor: *Obrigado, Senhor, porque concedestes isto àquela pessoa*! O coração que sabe dizer *obrigado* é um coração bom e feliz!

4. Nesta 3.ª semana da Quaresma, não peçamos ao Senhor o “*milagre*” da multiplicação de *coisas e mais coisas*, que atulham e entulham o nosso coração, transformando-o numa sucata de desejos. Peçamos antes ao Senhor que limpe do nosso coração todos os comportamentos contra Deus, contra o próximo e contra nós mesmos, e que tanto esfriam o amor no nosso coração. Deixemos que o Senhor entre com a sua misericórdia, e não com o chicote, para limpar os nossos corações do ciúme, da inveja, da maledicência, que oxidam o nosso coração.

5. Para combater esse vírus letal da inveja, o 4.º dos sete pecados mortais, apliquemos mais fortemente os três remédios típicos da Quaresma: *o remédio da oração*, que nos leva a procurar a consolação em Deus e não nos bens deste mundo; *o remédio da partilha,* que nos faz descobrir que ninguém é tão pobre que não possa dar, nem tão rico que não possa receber; e *o remédio do jejum,* para sentir as mordeduras da fome, como as que sofrem aqueles que não têm o necessário para viver e de quem afinal não temos inveja nenhuma.

Com estes remédios, o coração ficará limpo da inveja! E ficará arejado este Templo que é o meu corpo, porque foi purificado e reconstruído pela alegria do amor! E quando não nos falta o amor, o que os outros têm não nos faz falta nenhuma. “*O amor não é invejoso*” (*1 Cor* 3,4).

**Homilia no III Domingo da Quaresma B 2015**

**1.** “*Abre a tua porta à alegria do evangelho”!* E hoje a porta a abrir é a do Templo! Abre-se a porta desse Templo de Deus, destruído e reedificado, que é Cristo, morto e ressuscitado. Essa Porta da Vida e do Reino abriu-se, e está sempre aberta para nós, desde o dia do nosso Batismo! Mas cabe-nos, a nós, ir abrindo a nossa porta, a porta do nosso coração, porque é aí que Deus quer habitar, pois, no batismo, fez de nós a sua morada, fez-nos templos do Espírito Santo, onde cada um de nós é uma pedra viva. Mas, em Cristo, Templo vivo do Pai, pedra fundamental, somos sempre um templo em construção. Templo que também pode ser poluído, profanado e destruído, pelo nosso pecado, pelo egoísmo, pelo mal! Por isso, é preciso abrir a porta do nosso templo ao sopro do Espírito Santo, para arejar e refrescar a nossa vida, para a lavar e limpar, purificar e renovar, erguer e edificar. Este templo, que é o nosso coração, precisa continuamente de ser purificado, reedificado, pela Palavra de Deus, pela oração, pelo perdão, pela confissão dos nossos pecados.

**2.** O desafio desta semana, para esta terceira porta que queremos abrir, é o de edificar. Todos sabemos que há palavras e gestos que nos destroem, que nos deitam por terra, que nos deitam ao chão. Mas também há palavras e gestos que nos levantam, edificam, animam, motivam, reconstroem. Todos sabemos que há pessoas que nos deitam abaixo, mas também sabemos que há pessoas que nos puxam para cima, que nos ajudam a construir e a reconstruir a nossa vida, a nossa família, a nossa amizade! Essas pessoas são «*edificantes*», servem-nos de modelo, de alento, na construção e reconstrução da nossa vida. Pensemos em pessoas, que nos «edificam» tanto com o seu exemplo como com a sua palavra. Deste modo, elas ajudam-nos a «*construir a nossa casa sobre rocha* *firme»* (cf. Mt 7,21-25).

**3.** Nesta terceira semana, não deixemos de «escrutinar», de examinar, de olhar por dentro, de entrar no interior do nosso Templo. E deixemo-nos nos interrogar:

1. As minhas palavras e o meu exemplo edificam os outros? Ajudam os outros a crescer? Ou, pelo contrário, deitam-no abaixo, destroem-no?
2. Lá em casa, perguntemo-nos: procuramos edificar a nossa casa, a nossa família, sobre a rocha da Palavra e do amor de Deus?
3. Ajudo a edificar a Igreja, pela oração, pela colaboração e pela partilha de bens? Somos pedras vivas ou, pelo contrário, pedras cansadas, desanimadas, indiferentes?

**4.** Irmãos e irmãs: esta semana vamos então escrever no verso da letra «E», da palavra «Edifica», o nome de três pessoas “edificantes” na nossa vida (por exemplo: professores, catequistas, avós, outros). Esta semana, saberemos recordar-nos, daqueles que nos indicam o caminho, que nos guiam na fé. E rezemos por essas pessoas, agradeçamos-lhes o seu testemunho, telefonando-lhes, visitando-as, escutando-as. Aprendamos sempre a edificar… Não deixemos que nenhuma espécie de destruição arruíne o coração! “Veja cada um como edifica”! (I Cor. 3,10).

**HOMILIA NO III DOMINGO DA QUARESMA B 2012**

Contam-se pelos dedos das mãos, as dez palavras, cheias de amor, reveladas por Deus a Moisés! São a lei e o compromisso de amor, o código da aliança! Deus escreve nas Tábuas da Lei o que os homens já não liam em seus corações!

**1.** Um pormenor nos chama imediatamente a atenção: a enunciação dos dez mandamentos é introduzida por uma significativa referência à libertação do povo de Israel! De facto, o texto começa por dizer: *"Eu sou o Senhor teu Deus, que te fiz sair da terra do Egipto, da casa da servidão"* (*Ex* 20,2). Por conseguinte, o Decálogo (as Dez palavras) é uma confirmação da liberdade conquistada, o instrumento que o Senhor nos concede, para defender a nossa liberdade, tanto dos condicionamentos interiores das nossas paixões, como dos abusos exteriores dos mal-intencionados!

**2.** Há um segundo pormenor do Decálogo, que deve ser também ressaltado: mediante a Lei, o Senhor deseja estabelecer um pacto de aliança com Israel! Portanto, mais do que uma imposição, a Lei éuma dádiva! Mais do que determinar o que o homem deve fazer, ela quer manifestar a todos a escolha decisiva de Deus: Ele está do lado do seu povo eleito; libertou-o da escravidão e circunda-o com a sua bondade misericordiosa. O Decálogo é assim, da parte de Deus, o testemunho de um amor de predileção. Note-se, aliás, que o Decálogo nunca é transmitido, sem primeiro se evocar a Aliança: «*o Senhor nosso Deus firmou connosco uma Aliança no Horeb*» (*Dt* 5,2). Neste sentido, o espírito da aliança é bem claro nos dez mandamentos, sobretudo quando pensamos que eles são dirigidos, por um Deus, que fala na primeira pessoa, “Eu, o Senhor” e se dirige a cada um de nós, com um «tu», que interpela e compromete! É no âmbito desta Aliança que os mandamentos recebem o seu pleno significado. Diríamos, que os mandamentos traduzem as implicações concretas da nossa pertença a Deus, instituída pela Aliança! Concretizam, na prática, o amor humano que assim responde e corresponde ao amor divino!

**4.** Queridos irmãos e irmãs: “*Não foi com os nossos antepassados que o Senhor concluiu esta aliança, mas connosco que, estamos aqui todos vivos hoje*” (Dt 5,3) Os Dez mandamentos mantêm a sua atualidade num tempo como o nosso, em que se diz, por aí, já não haver nada de seguro e definitivo, que nos possa guiar! Parece que o homem contemporâneo perdeu o sentido do bem e do mal, como se uma coisa e o seu contrário valessem o mesmo ou o que valem para cada um. Ora, dentro de um horizonte relativista como este, não é possível uma verdadeira educação: sem a luz da verdade; mais cedo ou mais tarde cada pessoa está, de facto, condenada a duvidar da bondade da sua própria vida e das relações que a constituem” (Bento XVI, Discurso 5.06.2005). É por isso muito necessário voltar a propor os mandamentos, acolhê-los e aprendê-los de cor, para os viver, como caminho de sabedoria e de felicidade.

**5.** Diz, e bem, o salmista que «os *preceitos do Senhor valem mais do que ouro mais fino*”! São, na verdade, um tesouro, que a família deve guardar, como tábua de salvação, para se proteger de uma vida à deriva, sem rumo, num mundo sem lei! É preciso também que as famílias eduquem e se deixem guiar pelos mandamentos, como verdadeira bússola do agir moral, porque eles, de facto, ensinam-nos a caminhar, na liberdade do amor. Aqui e hoje vale mesmo dizer: *A Lei do amor é “um verdadeiro tesouro que vale mais do que o ouro”***,** porque “*os mandamentos do Senhor são retos, claros, firmes, dão sabedoria aos simples, iluminam os olhos e alegram o coração*” (Sal.18/19)! E não estão longe. Nem são muitos. Contam-se bem pelos dedos da mão! A Lei do Amor está inscrita no nosso coração!

**Homilia na Missa com Catequese – III Domingo Comum B 2012**

1. Todos sabemos que o principal tesouro, que a arca da aliança guardava, eram as chamadas “*Tábuas da Lei*”. Nestas duas tábuas estavam gravadas as “Dez Palavras”, a que depois se veio a dar o nome de “10 Mandamentos da Lei de Deus”.
2. Estas “Dez Palavras” foram reveladas por Deus a Moisés! E isso teve lugar precisamente entre a proposta da aliança e a sua conclusão. De certo modo, ao fazer aliança connosco, era preciso estabelecer, por escrito, um acordo, um compromisso, entre Deus e o seu Povo. Da parte de Deus, estava claro: Ele é o Deus libertador, que guia e acompanha o seu povo, no seu caminhar. Da parte do Povo de Deus, bastava corresponder àquele amor, com que Deus nos ama primeiro!
3. Para tornar claro e concreto este compromisso, Deus confia a Moisés a Lei do Amor, dizendo em dez palavras o que afinal espera de nós. Estas dez palavras são por isso um verdadeiro “*Código da Aliança*”! Cumprindo-as, o Povo de Deus, sabe que está a ser fiel à aliança, que está a corresponder ao amor de Deus. Estes mandamentos não são portanto uma imposição de Deus, mas uma dádiva, uma ajuda, para não cairmos na escravidão do pecado e para tomarmos consciência de que somos o povo da aliança.
4. Queridos irmãos e irmãs: “*Não foi com os nossos antepassados que o Senhor concluiu esta aliança, mas connosco que, estamos aqui todos vivos hoje*” (Dt.5,3). Os Dez mandamentos mantêm a sua atualidade num tempo como o nosso, em que se diz, por aí, já não haver nada de seguro e definitivo, que nos possa guiar! Parece que se perdeu o sentido do bem e do mal, como se uma coisa e o seu contrário valessem o mesmo. É por isso muito necessário encontrar um guia seguro, uma norma clara, que nos ajude a caminhar. Temos de voltar a propor os mandamentos, acolhê-los e aprendê-los de cor, para os viver, como caminho de sabedoria e de felicidade.
5. Diz, e bem, o salmista que «**os *preceitos do Senhor valem mais do que ouro mais fino***”! São, na verdade, um tesouro, que a família deve guardar, como tábua de salvação, para se proteger de uma vida à deriva, sem rumo, num mundo sem lei!

É preciso também que as famílias eduquem e se deixem guiar pelos mandamentos, como verdadeira bússola do agir, porque eles, de facto, ensinam-nos a caminhar, na liberdade do amor.

Aqui e hoje queremos dizer: *A Lei do amor é “um verdadeiro tesouro que vale mais do que o ouro”*.Realmente “*os mandamentos do Senhor são retos, claros, firmes, dão sabedoria aos simples, iluminam os olhos e alegram o coração*” (Sal 18/19)! E não estão longe. Nem são muitos. Contam-se bem pelos dedos da mão! A Lei do amor foi primeiro inscrita no nosso coração!

**HOMILIA NO III DOMINGO DA QUARESMA B 2009**

**1.** De chicote na mão, Jesus varre, de uma assentada, falsas imagens de Deus, que os homens estão sempre dispostos a criar e a vender! É para a Cruz, que teremos de olhar, para ver e conhecer o rosto do verdadeiro Deus. Na Cruz, manifesta-se todo o poder e toda a sabedoria de Deus! Assim mesmo o dirá São Paulo aos Coríntios, numa verdadeira chicotada «*teológica*». O Apóstolo apresenta-se, na sua debilidade e fraqueza, para assim mostrar a força inerme e enorme do amor de Deus na Cruz. A Cruz é a palavra que Deus fala, a judeus e a gregos. Cada um destes grupos, à sua maneira, e como nós, construiu uma falsa imagem de Deus, a que São Paulo contrapõe a “Palavra da Cruz”. Vejamos, caso a caso:

**2.1.** Os judeus pedem milagres! Só querem acreditar, perante a evidência do extraordinário, do espetáculo, do poder miraculoso. Para eles, o Deus «*todo-poderoso*» tem de ser um «*Deus todo-o-terreno*», que leva tudo pela frente, uma espécie de «112» das desgraças humanas, sempre pronto a vir em socorro e a mostrar o seu poder pela sua força extraordinária. A fé dos judeus tornara-se assim uma espécie de «*via verde*», com solução à vista e remédio santo para tudo o que é problema, dor e sofrimento.

Mas, a estes judeus, que pedem milagres, Paulo anuncia o Messias Crucificado. Pois é na Cruz que se revela *o poder de Deus*. Para os judeus, não podia haver escândalo maior! O Deus todo-poderoso era o Deus dos prodígios. Não podia ficar ali impotente, atado numa Cruz. São Paulo fá-los compreender e faz-nos ver que Deus só é todo-poderoso no amor. O poder de Deus não se confunde com a força humana, que esmaga e domina. A cruz revela o poder do amor, que é diferente do poder humano. Deus vai até à Cruz, para salvar o homem. O verdadeiro poder de Deus não é pôr e dispor de nós, como se fôssemos marionetes na sua mão. A Cruz é o sinal de que Deus nos ama radicalmente, debruçando-se, por amor sobre nós, e que se recusa a impor o amor. O poder de Deus está na gratuidade, na fraqueza e na beleza, do seu amor por nós. Por isso, ali, na Cruz, onde parece haver apenas falência, dor e derrota, está a força do amor de Deus, que se revela na sua aparente debilidade. Nada O separa ou impede de nos amar, até ao fim.

De algum modo, caríssimos irmãos, São Paulo também responde àqueles cristãos, que hoje entram em crise de fé, só porque a vida, a saúde, a economia ou a vida em família lhe estão a correr mal. Não nos devia estranhar a Cruz na nossa vida cristã. O que é anormal é uma vida cristã, sem Cruz. A Cruz de Jesus, que trazemos ao peito, que usamos e banalizamos, não é um “amuleto” para atrair a sorte ou sucesso e para “nos livrar dos sofrimentos”. Pelo contrário, a cruz diz-nos que devemos encontrar toda a nossa força, na humildade do amor. Até o anúncio do Evangelho há de ser isto e há de fazer-se assim: mesmo se os meios de que dispomos, parecem tão fracos, é preciso não se fiar no poder dos meios humanos, mas confiar-se à graça de Deus!

**2.2.** Um outro grupo, que São Paulo enfrenta na comunidade são os gregos, pessoas que muito apreciavam a sabedoria, a alta filosofia, a retórica da linguagem. Para Eles, Deus não era mais do que a conclusão de um raciocínio, um princípio lógico que explicava a origem e o movimento de tudo quanto existe. Entre os gregos, não havia lugar para um Deus pessoal, para um Deus que nos ama, com a paixão de um verdadeiro amor. Para eles, Deus não seria mais que um “puro espírito”, um ser impassível, isto é, alguém que não se deixaria afetar. Por isso, a fé dos gregos corria o risco de se tornar apenas mais uma sabedoria, uma nova filosofia, sem o encontro pessoal com Cristo.

A estes gregos, que fazem de Deus, um produto intelectual, Paulo anuncia o Messias Crucificado. Ora isto aparecia àquela gente sabida, como qualquer coisa “insabida”, insípida, sem sal, uma loucura, uma autêntica aberração, um insulto ao bom senso, uma estupidez insuportável à razão humana! Mas Paulo não desvirtua a linguagem da Cruz! Se os gregos querem sabedoria, aí a têm! A Cruz é sabedoria, na medida em que manifesta verdadeiramente quem é Deus, revela o seu amor. A gratuidade do amor de Deus, por nós, é a verdadeira sabedoria de Deus! Trata-se, é certo, de um amor sem medida, mistério que ultrapassa os limites da razão Diante dela, é preciso ser humilde e encher-se de temor, pois «*o temor é o princípio da sabedoria*» (Pr.1,7). São Paulo tira, para hoje e para nós, a conclusão: nós devemos formar a nossa vida sobre esta verdadeira sabedoria da cruz: devemos viver, não já para nós próprios, mas – para «Aquele que me amou e se entregou por mim» (Gal.2,20)!

***(colocar o livro no círio)***

**3.** Irmãos e irmãs: As falsas imagens de Deus constituem um grande obstáculo à vida espiritual. Para conhecermos o rosto do Deus vivo, fixemos os olhos na Palavra da Cruz. Coloquemos no círio pascal, o livro, que nos lembra as cartas de Paulo e sobretudo nos recorda o seu grande evangelho, que Paulo resumiu assim: “Na verdade, decidi não saber nada entre vós, a não ser Jesus Cristo, e este crucificado (1 Cor 2,2)”.

**Homilia no III Domingo da Quaresma B 2006**

**1.** Dez Palavras de Amor eterno, que selam e resumem uma aliança muito antiga! Escritas em tábuas de pedra, foram, antes de tudo, inscritas no coração do Homem, criado à imagem e semelhança de Deus. Não é difícil adivinhar nestas Dez palavras, o reflexo de uma sabedoria ancestral, dada aos simples, como luz dos olhos, guia seguro para o homem justo encetar o caminho recto, e encontrar a alegria do coração!

**2.** Mas neste nosso tempo, tão avesso a regras estreitas, e tão propenso a largos sentimentos, há quem reaja mal, a qualquer catálogo de preceitos! Alguns espíritos modernos, questionarão se é legítimo transformar o amor num mandamento?! Bento XVI, na sua Encíclica sobre o amor cristão, procura uma resposta, para quem ainda hoje se pergunta afinal: «*o amor pode ser mandado» (DCE 16)?*

**3.** A resposta está dada, desde logo, na Introdução ao Decálogo. Antes de nos colocar diante das Dez Palavras, Deus apresenta-se como credor do nosso amor: Ele amou-nos primeiro: «*Eu sou o Senhor, teu Deus, que tirei da Terra do Egipto, dessa casa de escravidão*» (Ex.20,1-3). O amor pode ser mandado, precisamente, porque primeiro nos foi dado! **“***Ele amou-nos primeiro, e continua a ser o primeiro a amar-nos; por isso, também nós podemos responder com o amor*»! Isto mesmo distingue o Decálogo de tantos outros códigos de conduta conhecidos de grandes civilizações: primeiro está a manifestação do amor de Deus. Só depois, vem a resposta do Homem, que se sente impelido a responder e a corresponder a este amor. O mandamento torna-se um imperativo, que brota do íntimo do Homem e que se dirige pessoalmente a cada Homem, a um «Tu»… a ti: Tu não terás outros deuses… *Tu,* sempre «tu». Vemos então como “*Deus não nos ordena um sentimento, que não possamos suscitar em nós próprios. Ele ama-nos, faz-nos ver e experimentar o seu amor, e desta «antecipação» de Deus pode, como resposta, despontar também em nós o amor”* (DCE 17). Há, portanto, e em primeiro lugar, uma «*experiência do amor proporcionada do interior*, um amor que, por sua natureza, deve ser depois comunicado aos outros. *O amor cresce através do amor» (DCE 18).*

**4.** Mas voltemos à pergunta: «*como se pode mandar ou comandar o amor, sendo ele da ordem do “sentimento*”»? Aqui é preciso dizer com clareza: «**o amor não é apenas comunhão de um sentimento.** Os sentimentos vão e vêm. O sentimento pode ser uma maravilhosa centelha inicial, mas não é a totalidade do amor». O amor é também comunhão de ***vontade e de pensamento***. Os que (se) amam, chegam ao ponto de querer o mesmo e de rejeitar a mesma coisa. Segundo os antigos, o amor leva à união do mesmo querer e do mesmo pensar (cf. DCE 17).

Isto se é verdade em relação ao amor ao próximo, também é verdade em relação ao amor a Deus: “A história do amor entre Deus e o homem consiste precisamente no facto de que esta ***comunhão de vontade*** cresce em comunhão de ***pensamento* e de *sentimento*** e, assim, o nosso querer e a vontade de Deus coincidem cada vez mais: a vontade de Deus deixa de ser para mim uma vontade estranha que me impõem de fora os mandamentos, mas é a minha própria vontade, baseada na experiência de que realmente Deus é mais íntimo a mim mesmo do que eu a mim próprio” (DCE 17). “*Ele bem sabia o que há no Homem*” (Jo 2,25) de grandeza e de miséria, de acerto e desvio. Por isso quis, com admirável pedagogia, conduzir o nosso coração por caminho recto.

**5.** Os Dez Mandamentos continuam a fazer sentido, mesmo para aquele que viu o amor e aprendeu a amar! Não são um pacote de proibições, de "não", mas na realidade apresentam uma grande visão de vida. São um "sim" a um Deus que dá sentido ao viver (1º, 2º e 3º); são um "sim" à família (quarto); um "sim" à vida (quinto); um "sim" ao amor responsável (sexto); um "sim" à solidariedade, à responsabilidade social, à justiça (sétimo); um "sim" à verdade (oitavo), um "sim" ao respeito do próximo e do que lhe é próprio (nono e décimo mandamentos). Enfim, são um «sim» ao amor! Por isso, se diz com razão: «*quem ama, já cumpriu toda a Lei*» (Rom 13,10)!

**Homilia no III Domingo da Quaresma B 2003**

1. Os Dez Mandamentos, assim lhes chamamos. Não são dez ordens de serviço, no campo de guerra. Nem um código ou uma dezena de “*mandamentos*”, para refrear o ímpeto natural da marcha do Povo de Deus para a liberdade. São apenas *Dez Palavras*, precisamente as de um Deus amigo, aquele mesmo que tirou o seu Povo da escravidão do Egipto e o não quer ver agora vencido pelas saudades amargas do passado. Os Dez Mandamentos são Dez Palavras de amor, dirigidas por Deus ao seu Povo querido, pela boca de Moisés, seu eleito. Dez Palavras, que configuram e selam um «pacto» entre dois aliados de sempre no campo de batalha: Deus e o seu Povo.

2. De facto, as «tropas» de Israel, com Moisés à sua frente, tinham já atravessado o Mar Vermelho e enfrentavam agora os inimigos do deserto: o cansaço, a desistência, o desalento, a fome e a sede, e tantas outras tentações e dificuldades. Precisamente na hora em que o Povo de Deus parece tentado a voltar atrás, a vender-se e a render-se aos falsos deuses, a regressar aos vícios de outrora e aos velhos pecados, a regredir para o que há de pior no homem, a esquecer Deus e as suas maravilhas, - precisamente nessa hora de crise - os Dez mandamentos, vêm ajudar o Povo de Deus, a olhar em frente. São como que dez sinais de trânsito e de aviso, colocados no caminho para a Liberdade. Deus, que bem sabe o que há no homem, que bem lhe conhece os rins e o coração, dita estas Dez Palavras. E temos a certeza de que, antes de as escrever nas tábuas da Lei, já as tinha inscrito no coração de cada Homem. Tratava-se, agora, de fixar por escrito, e para que conste, o código da aliança e assim fazer o seu Povo reencontrar-se na sua verdade. Prosseguindo, sem desfalecer, no caminho da liberdade.

3. Caríssimos irmãos: Com este Domingo, entramos, por assim dizer, no coração da Quaresma. E bem nos pode acontecer de sentirmos, também nós, uma certa fadiga, algum desalento. Uma certa vontade de capitular, de ceder ao passado, de voltar atrás, de renunciar às promessas, de fazer uma inversão de marcha no caminho para a Páscoa. Pensando até que é «areia de mais» para nós. Que não nos aguentamos. Que não temos pedalada. Que a meta é alta e longe de mais, que é para outros, para «tropas especiais». Neste sentido, a palavra de ordem, o sinal de trânsito, que nos permite atravessar o limiar da esperança é este: é proibido inverter a marcha. Não se pode olhar para o lado ou para trás. Distrair-se com o acessório. Iludir-se com o fácil. Desencantar-se com as dificuldades do presente. É preciso manter-se firme e fiel. Fiel, por exemplo, ao «sim» do compromisso «selado» no sacramento do Crisma. Fiel ao «sim» da aliança, dado um dia no casamento. Fiel, por exemplo, ao «nome dado» e «assinado» para o contributo nas obras do Centro Pastoral. A proibição de inverter a marcha traz-nos o apelo à resistência, contra a desistência, à persistência contra a moleza de carácter. Enfim, o apelo a tomar a cruz de todos os dias, para seguir Jesus, de corpo inteiro e alma lavada.

4. Mas que ninguém se iluda de resistir até ao fim e de conseguir alcançar esta meta, sem o amor de Deus infundido em nossos corações. Como ensina São Paulo, é «*Deus que produz em nós o querer e o agir segundo a sua vontade*» (Fil. 2,13). Por isso, sentimos necessidade de lhe pedir e rezar assim:

*(rezar em diálogo com o Povo)*

\* Nesta minha caminhada, para a tua Páscoa, quero preparar a Casa do meu coração, para te receber, vivo e ressuscitado. *Muitas vezes, sinto-me cansado e desanimado. Ajuda-me, Senhor Jesus, a não inverter a marcha: do meu caminhar, o rumo dos meus passos, o caminho que escolhi e que és Tu.*

\* Senhor Jesus, nesta caminhada para a Tua Páscoa, eu quero preparar a Casa do meu coração para te receber vivo e ressuscitado. Esta tarefa é difícil. *Às vezes sinto-me cansado e desanimado. Ajuda-me a não inverter a marcha do meu caminhar, o rumo dos meus passos, o sentido do caminho que escolhi e que és Tu mesmo...*

\* Eu bem sei que a caminhar tenho de estar atento. Tenho de respeitar os sinais a todo o momento. E ter a certeza que vou chegar ao fim. *Muitas vezes, sinto-me cansado e desanimado. Ajuda-me, Senhor Jesus, a não inverter a marcha: do meu caminhar, o rumo dos meus passos, o caminho que escolhi e que és Tu.*

**Homilia – Exame de consciência - III Domingo da Quaresma B 2000**

Dez palavras de amor, entre a proposta da aliança e a sua conclusão. Os Dez mandamentos não são uma dezena de proibições, a sufocar a liberdade humana. São duas mãos cheias de indicações úteis no caminho da liberdade. O Deus de Israel, o Deus vivo e libertador, dita da sabedoria do seu coração as dez palavras, que impedirão os seus filhos de cair de novo na escravidão. Deus que tirou o seu Povo do Egipto e o trouxe até si, sobre asas de águia, não quer vê-lo presa fácil de falsas liberdades. Os mandamentos são, por isso, dez cláusulas da aliança, daquela aliança concluída entre Deus e o seu Povo. Cumpri-los não é ficar atado à ditadura de uma Lei, vinda de cima. É sobretudo, manter-se fiel ao elo de uma aliança, entre Deus e o seu Povo, gravada no mais íntimo do coração.

Estas Dez Palavras são a afirmação dos direitos de Deus e a defesa dos direitos do Homem. Acolhê-las «*de alma e coração*» é, desde logo, abrir dentro de nós um espaço sagrado à presença divina. «*Se alguém me ama, guardará a Minha Palavra¸ meu Pai amá-lo-á; viremos a Ele e faremos nele a nossa morada*” (Jo 14,24). Poderiam ser outras tantas perguntas para um bom exame de consciência, para uma purificação desse templo santo e pecador onde Deus nos habita. Assim, e na certeza de que «*Jesus sabe bem o que há no Homem*» reconheçamos hoje o que há em nós há de pecado a expulsar:

*(far-se-á aqui um verdadeiro exame de consciência. A proclamação dos mandamentos poderá ser feita por um leigo e pode até ser omitida. Entre cada mandamento ou pelo menos no fim dos pontos I; II e III, poderá cantar-se uma antífona, salmo ou prece penitencial)*

I. O Senhor diz: «Amarás teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças».

*Primeiro mandamento: Adorar a Deus e amá-l’O sobre todas as coisas?*

1. Amo a Deus, sobre todas as coisas? Amo-o mais do que o dinheiro... mais do que o meu tempo, mais que o meu carro, mais do que a minha casa, mais do que a minha televisão... mais do que o meu cão ou animal de estimação, mais do que o grupo de amigos?

*Segundo mandamento: Não invocar o santo nome de Deus em vão.*

2. Invoco Deus, sem verdadeiramente acreditar? Disponho-me a fazer a sua vontade ou só quero que Ele faça a minha? Rezo só para pedir? Sei agradecer?

*Terceiro mandamento: Santificar os domingos e festas de guarda.*

3. Participo na Eucaristia Dominical? Ou troco-a facilmente pelo sono, pelo jogo, pela caça, pelo passeio, pelo trabalho desnecessário? Participo nela activamente, cantando, rezando, comungando? Ou faço apenas «*ofício de corpo presente*»? A Eucaristia é o centro do meu domingo e muda a minha vida?

II. O Senhor diz: “É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei”.

*Quarto mandamento: Honrar pai e mãe e os outros legítimos superiores.*

4.Como filho, respeito os meus pais? Exijo demasiado deles? Sou compreensivo com as suas faltas, defeitos, idade? Como pai ou mãe, exaspero os filhos? Sei dialogar? Compreender? Encontro tempo para eles? Como aluno, respeito o professor? Como cidadão, respeito as autoridades competentes?

*Quinto mandamento: Não matar nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo.*

5. Atentei contra a vida humana? Minha ou de outrem? Mato os outros *aos bocados*, com a minha língua, com o meu *não querer saber*, com a minha irritação fácil, com a fraude ou com a mentira? Dou a minha vida pelos outros? Dou o meu tempo, faço a minha visita, ofereço a minha companhia? Sei partilhar o meu dinheiro, o meu sorriso, as minhas qualidades?

*Sexto mandamento: Guardar castidade nas palavras e nas obras.*

6. Respeito o meu corpo como «*Templo do Espírito*» e «*Morada de Deus*»? Sou agressivo ou fingido na minha linguagem? Descanso o necessário? Abuso da comida, da bebida, do barulho, da droga e do sexo?

*Sétimo mandamento: Não furtar nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo.*

7. Pago o que devo? Fico com o que não me pertence? Partilho do que é meu e devo aos outros? Roubo a alegria de viver, a paz de Espírito e a serenidade aos outros... com a minha maneira de ser?

*Oitavo mandamento: Não levantar falsos testemunhos (nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo).*

8. Critico os outros sem fundamento? Minto? Sou fiel à verdade? Deturpo o que oiço? Respeito ou violo um segredo? Sei ligar a verdade e a caridade?

*Nono mandamento: Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos.*

9. Disciplino os meus sentidos? Domino os meus pensamentos e desejos? Amo a pureza de coração? Aprecio o valor do celibato e da virgindade?

*Décimo mandamento: Não cobiçar as coisas alheias.*

10. Ponho o meu coração em Deus, ou vivo desassossegado por causa daquilo que os outros têm? Deus é a grande riqueza da minha vida? Ou não?!

III. O Senhor diz: Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é Perfeito.

Vou celebrar o sacramento da Reconciliação com o propósito firme de emenda? Procuro corrigir-me? Aceito a correção fraterna? Esforço-me por melhorar a minha qualidade de vida cristã ou acomodo-mo ao que já sou e faço? Procuro a perfeição? Que este olhar sobre nós, à Luz da Palavra de Deus e não da moral que nos dá jeito, nos ajude a confessar, com verdade e sem medo, todos os nossos pecados. Negar-se à acusação deles é falta de humildade. Limitar-se a um reconhecimento «geral» das nossas faltas, é fugir à responsabilidade pessoal de cada um nos seus próprios pecados. Evitar o Confessor é negar-se a pedir perdão também à Igreja, a quem diminuímos com o pecado. E perder a oportunidade de uma libertação total, que é fonte de vida e de Paz.

**Homilia no III Domingo da Quaresma B 1997**

Entrou no Templo e viu-os como na praça. Para quem fez uma longa peregrinação a Jerusalém, o choque não podia ser maior. O cheiro a esterco, a gritaria dos vendedores, o piar da passarada, o agitar da multidão, confundiam a alma sensível dos peregrinos. Em vez do Templo aberto «do Deus único», um covil de ladrões, uma feira de vaidades, uma praça do Comércio! Jesus não podia com aquilo. A sua alma serena e o seu coração dolorido, não o deixam acomodado. E começa por limpar a casa. Com a violência de quem não agride, mas desconcerta, de quem não mata, mas de quem morre, pela verdade... Era o princípio do fim de Jesus. Porque não lhe perdoariam a ousadia. Porque não esqueceriam aquele gesto...

Um gesto, no mínimo, desconcertante. Para quem o viu. E para quem o ouve! Um gesto que não se destinava apenas a abafar a gritaria dos traficantes ou a protestar pelo tilintar das moedas. Era o anúncio de que aquele Templo, onde só cabiam alguns e aquele culto tinham os seus dias contados... Porque no meio deles, estava o verdadeiro «Templo», o novo e único lugar do encontro entre Deus e os Homens: Jesus: o seu Corpo, a sua pessoa.

Participante da nossa humana carne, Jesus «bem sabe o que há no Homem». E «ressuscitado na morte», está junto do Pai a atrair-nos para Ele. Por isso, a comunhão com o seu Corpo é «passagem obrigatória» para o encontro com o Pai. «*Ninguém vai ao Pai senão por Mim*», disse Jesus. O Corpo ressuscitado de Jesus é então o verdadeiro «*Templo*» onde se encontram a fragilidade do Homem e a grandeza de Deus. Nele cabem todos. N’Ele todos se encontram. Em todos os tempos e onde quer que estejam...

Mantém-se, mesmo assim e de pé o Templo, de pedras feito e desfeito. Permanecerá sempre como «tenda de encontro», como «*casa de oração para todos os povos*», mas só no Corpo de Cristo o crente tem acesso à comunhão com o Pai. Neste sentido, o cristão configura-se a Cristo como «*templo invisível*», «*templo do Espírito Santo»* que o habita.

A modo de indicação prática, a Liturgia de hoje pode sugerir-nos duas coisas simples: a de cuidar do *Templo invisível* sem descurar o Templo visível. Por outras palavras, arrumar a casa por fora e por dentro.

Começaríamos bem, se começássemos por dentro: pondo cada coisa no seu lugar, ordenando os pensamentos, purificando os sentidos: olhar atento, ouvidos abertos, coração arrependido, corpo e alma sossegados. Mas iríamos mal se esquecêssemos a parte de fora, a do Templo visível: porque a desordem exterior dispersa a unidade interior; o desarranjo das coisas desalinha a concentração do espírito; o barulho à nossa volta ameaça o silêncio por dentro. Como vedes, é uma limpeza geral que tem de ser feita todos os dias... «*Que a vossa visita a este Templo visível não tenha como fim, senão o êxtase e a doce comunhão. Basta que entreis no templo invisível*»...Porque os verdadeiros adoradores do Pai, adoram-no em espírito e em verdade!...

**Homilia no III Domingo da Quaresma B 1994**

1. *Da limpeza à purificação...*

Jesus viu e não gostou. Vai daí, uma chicotada, a varrer animais, dinheiro, comerciantes e cambistas. Tudo por terra. Uma ação de limpeza do Templo, convertido pelos judeus piedosos em «supermercado religioso», em sede do poder, em banca de chorudos negócios. Para lá da destruição violenta de imagens, foi sobretudo a demolição de uma falsa imagem de Deus. Mais do que uma limpeza, fundamentalmente uma purificação: uma purificação da relação dos Homens com Deus. Aliás, toda a Palavra de Deus, neste Domingo, é uma autêntica machadada espiritual no tipo de relação que muitas vezes temos com Deus.

*2. Na relação entre Deus e o Homem...*

E a primeira purificação é a de nos desfazermos da imagem de um Deus de leis e proibições, um juiz impiedoso. E descobrirmos na Vida de cada dia o Deus da aliança e do amor. Parece um contra-senso dizer isto, depois de toda uma primeira leitura cheia de mandamentos e proibições. Os mandamentos não são uma dezena de leis a pesar como um jugo sobre nós, mas sim «dez palavras de amor» a abrir-nos caminhos novos de liberdade, dez sinais no caminho, a apontar-nos os meios práticos de vida para uma feliz e equilibrada relação com Deus. Antes de Deus apontar caminhos, Ele abriu ao seu povo o caminho da liberdade e estabeleceu com Ele um compromisso irrevogável de companhia, de protecção e amizade, selados nestas «*Dez palavras*» de amor. Por isso seria bom relacionarmo-nos com Deus, não como o Polícia das nossas infracções, mas como o Pai do Amor, em aliança de ternura com os seus filhos. Depois, é São Paulo a destruir mais duas falsas imagens de Deus.

**A primeira** seria a de imaginar um Deus milagreiro, uma espécie de «115» das desgraças humanas, pronto a vir em socorro e a mostrar o seu poder pela força do espectacular. Assim o queriam os judeus, sempre à espera de sinais evidentes de um Deus de coisas fáceis, boas e baratas.

**A segunda** seria querer conquistar Deus com a inteligência, fazer dele um produto de intelectuais, propriedade de pessoas finas e sábias. Assim o queriam os gregos habituados a longos raciocínios. S. Paulo prega Cristo e Cristo Crucificado: o Deus humilde e humilhado, cuja loucura de amor o leva ao desprezo da Cruz. É este o nosso Deus. A sua fraqueza manifesta o seu poder e a sua loucura de amor revela a sua sabedoria. Um Deus fora das medidas e dos desejos dos Homens. Um Deus à medida do amor...

Por último, vem a **purificação do culto**. Celebramos e rezamos não para negociar seja o que for com Deus, mas para libertar em louvor o nosso coração suplicante ou agradecido: para sintonizar o nosso coração ao ritmo do coração de Deus. O nosso Deus dá--nos tudo a troco de nada. É um Deus gratuito. Não se compra nem se vende. Não se presta a negócios nem anda à procura de honras. É o Deus que não mora por entre as paredes do Templo mas que no Templo anda em busca do coração do Homem, para aí estabelecer a sua morada, para nele cavar fundo uma relação livre de amor, uma aliança...

**3. Por Jesus Cristo, Templo de Deus...**

Esta purificação custou a Jesus a própria vida. Cristo, Morto e Ressuscitado, tornou-se o «Templo». O seu Corpo alberga a eternidade de Deus e a fragilidade do Homem. Destruído na morte e restaurado para sempre na ressurreição, o seu Corpo, é o Templo verdadeiro, o lugar do encontro, o coração da relação de Deus com cada Homem. Este «Corpo de Cristo», Morto e Ressuscitado, não ocupa espaço nem envelhece com o tempo. Está na história, Vivo e Vivificante na Igreja dos filhos de Deus. Não está engavetado em nenhuma parte do Céu, ou congelado em algum glaciar da Terra...

**4. Na Igreja, Corpo de Cristo...**

Se está vivo, está vivo na Igreja e pela Igreja. Sem a Igreja, Jesus deixaria de ter Corpo, isto é, deixaria de se comunicar em cada Tempo aos homens. *Sem a Igreja, Jesus seria apenas uma figura do passado*, mas nunca uma «presença viva». Ora, Jesus Morto e Ressuscitado vive e vive na vida da sua Igreja, que é o seu Corpo. E não há relação possível com Cristo sem uma relação sensível com a Igreja. Pois é nEla e por Ela que Cristo vive e vivifica os Homens. E na comunhão com a Igreja o Homem encontra-se com a Cabeça deste Corpo que é Cristo. Mas também *sem Cristo, a Igreja não seria mais que uma pedra do passado, um Corpo sem Cabeça*, uma velha peça de arte, uma memória de tempos perdidos. Mas com Cristo, a Igreja está no mundo como o espaço privilegiado de encontro dos Homens com o Deus vivo: Jesus morto e Ressuscitado. Vamos deixar-nos purificar nesta relação com Deus, certos de que não O compramos nem vendemos, de que não O conquistamos nem dominamos, de que não O usamos nem possuímos. Somos as pedras vivas do Templo que é o Senhor. Somos membros de um Corpo pelo qual Cristo se relaciona connosco, nós com Ele e n’Ele com O Pai, na unidade do Espírito que a todos dá Vida.

**Homilia na Festa do Pai-Nosso**

1. **Deus é um Pai muito bom…** Pela Bíblia, Deus vem amorosamente ao encontro dos seus filhos, a conversar com eles. Que nos diz hoje Deus, acerca de si mesmo, na Palavra que ouvimos?

Recordemos a primeira leitura:

1. Deus é um Pai que sofre quando vê os filhos a sofrer! Como um pai se compadece de seu Filho, ele sente no seu coração a dor de cada um de nós. Por isso veio ao nosso encontro. Tirou-nos da escravidão. Ele é um Pai que nos amou primeiro
2. Ele vem ao nosso encontro e chama-nos a viver na amizade com Ele; ele gosta de viver e conviver com os seus filhos; como aqueles pais, que deliram brincar com os filhos e vos preferem a qualquer coisa…
3. Ele ensina com paciência o seu povo; deu-lhe até dez palavras de sabedoria… são mandamentos claros, que alegram o coração, dão sabedoria aos simples… como os vossos pais, quando vos ensinam regras de higiene, de segurança, de educação, de atenção…
4. **Recordemos o Evangelho.**
5. Jesus está irritado, porque os judeus tinham feito de Deus, não um Pai, mas um «**Patrão**»! Desconheciam o amor de Deus e julgavam que era preciso comprar “Deus” para obter d’Ele alguma coisa. Ora Deus tem mais pressa em dar do que nós em pedir… «**Ele amou-nos primeiro»**!
6. Deus é **um Pai que gosta de estar em sua casa** com os seus filhos… gosta da festa e do silêncio, para poder conversar com os seus filhos. «*A sua casa, é casa de oração*».
7. Deus é um Pai que semeou o seu amor no nosso coração. É a partir daí, do coração, que Deus nos ama, nos chama, nos encontra, nos fala, e espera de nós resposta. Rezar é deixar respirar o amor de Deus em nós… Rezar o Pai-Nosso é deixar o coração nas mãos do Pai.
8. Que os vossos Pais sejam imagem viva de Deus Pai: sofram por vós, gostem de estar convosco, sejam os primeiros a amar, vos ensinem a amar a Deus e ao próximo… E que vós aprendais com eles a rezar todos os dias o Pai-Nosso em sinal de amor ao Pai do Céu!